



CAMPELO

ANO III (II Série) — N.º 33
JANEIRO DE 1973

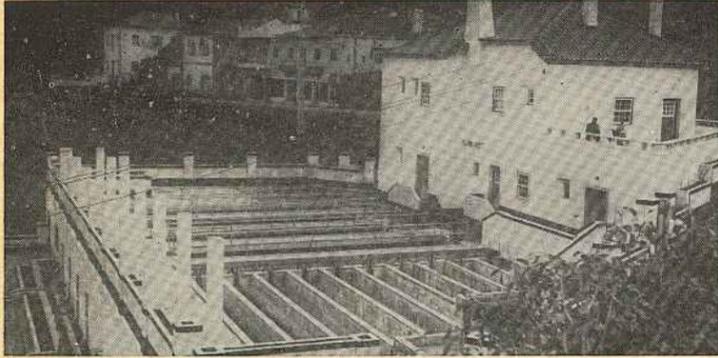
Director: P.º MANUEL VENTURA PINHO
Propriedade da Igreja Paroquial

Publicação mensal
(AVENÇA)

Redacção e Administração:
CAMPELO (Figueiró dos Vinhos)

Telefone 44483
(Castanheira de Pêra)

Edição, Composição e Impressão
«Gráfica de Coimbra»



LUTEMOS CONTRA O «ALCOOLISMO—MORTE»

BEBER vinho não é dar de comer a 1 milhão de portugueses, esse terrível e infeliz «slogan» de uma campanha levada a efeito há anos, para defender as vinhas do País.

É pena que, até entre pessoas que se julgam muito bem informadas, se pense ainda e erradamente que o vinho é que dá força, pois o leite é bebida para «meninas». Felizmente que os jovens cultos já vão pensando de modo bem diferente.

Há poucos dias realizaram-se umas jornadas de estudo sobre problemas de alcoolismo, promovidas em boa hora, pela Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e da Saúde.

Presidiu a Dr.ª Teresa Lobo, ilustre Subsecretária da Saúde e Assistência.

Com que mágoa, e porque também estamos ligados aos serviços de saúde, nós constatamos que eram verdadeiramente alarmantes, inquietantes mesmo, as revelações feitas então e que para nós não foram surpresa.

Portugal, pequenino em tantos aspectos positivos, em que poderia ser gigante, desde que os seus filhos quisessem, está em 2.º lugar, entre os países maiores consumidores de álcool do Mundo!!!

Que revelação tão desastrosa, para um país que quere, pode e tem de acelerar o passo, sob pena de perder a corrida!

A França é o 1.º. Que desgraça que os nossos amigos franceses, não tivessem querido escutar o grito de alerta de Pierre Mendès — France, o qual quando 1.º Ministro, se lançou entusiasticamente numa campanha intensa contra o terrível vício do alcoolismo.

Pois amigos, também os franceses o não escutaram e até teve como consequência a queda do seu governo. Imagine-se!

Mais tarde, hão-de vir a dar-lhe razão, talvez as próprias vítimas desse mal.

Ora, seria bom que nós portugueses acordássemos a tempo e retrocedéssemos, a ver se vínhamos ocupar o último lugar nesta triste competição de viciados.

Cerca de 500 mil portugueses, são alcoólicos. É uma estatística apavorante.

Porque é bom que se entenda, que alcoólico não é só o homem ou mulher que anda por aí a cair de bêbedo nas valetas. Não senhor.

Alcoólico é todo o indivíduo, que vive na dependência do álcool, seja ele vinho, conhaque, uisque, cerveja, etc., com qualquer graduação, e que a partir de determinado momento não é mais capaz de viver, sem beber.

O alcoolismo é entre nós um mal social, dos piores, pelas proporções que atinge!

Sabe-se que o alcoolismo é a 3.ª causa de morte em Portugal, sem contar com as lesões vasculares ou canceri-

(Continua na pág. 4)

JESUS EXISTIU E É DEUS?

São muito raras as pessoas que não acreditam na existência de Jesus. Aparecem, no entanto, alguns escritores, que sob a capa da dúvida, afirmam que talvez o Jesus Cristo dos Evangelhos nunca tenha existido.

É de facto impossível aceitar a existência dum homem tão poderoso e ao mesmo tempo tão humilde, se se põe de lado a realidade desse homem ser também Deus, como o afirma o Novo Testamento.

O certo é que a existência humana de Jesus está tão bem documentada por provas históricas, que nenhum historiador de boa fé a pode pôr em dúvida.

★

Apresentamos aos nossos leitores uma carta, até hoje incontestada, escrita por Públio Léntulo, nobre romano que governava a Judeia no tempo de Jesus. Nessa carta-relatório dirigida ao Senado Romano, aquele magistrado afirmava:

«No momento em que vos escrevo, existe aqui um homem de singular virtude, que se chama Jesus. Os bárbaros (os que não eram cidadãos romanos) o têm em conta de profeta, mas os sectários o adoram como filho dos deuses imortais. Ressuscita os mortos e cura os doentes, falando-lhes e tocando-lhes. É de estatura elevada e bem conformado, de aspecto ingénuo e venerável. Seus cabelos de uma cor indefinível caem-lhe em anéis até abaixo das orelhas e espalham-se pelos ombros com uma graça infinita, trazendo-os ele à moda dos Nazarenos. Tem fronte larga, espaciosa, e as faces coloridas de

amável rubor. O nariz e a boca, de uma admirável regularidade. A barba, da mesma cor dos cabelos, desce-lhe espessa até ao peito, bipartida, à semelhança de forquilha. Os olhos brilhantes, claros e pequenos. Prega com majestade; e as suas exortações são cheias de brandura. Fala com muita eloquência e gravidade. Ninguém jamais o viu rir, muitos, porém, o têm visto chorar, não poucas vezes. É sobremodo sábio, moderado e modesto, um homem, enfim, que por suas divinas perfeições se eleva acima de todos os filhos dos homens!»

★

Jesus realizou uma obra admirável e pregou uma doutrina inigualável. Muitos foram os que acreditaram n'Ele como Enviado de Deus. Milhares de pessoas deixaram-se matar por Ele, porque acreditaram que Ele não tinha mentido quando afirmava: «Eu e o Pai somos um». Os Evangelhos são prova de que Cristo é o «Filho do Altíssimo». Os

Cristãos desde o princípio o acreditaram.

No entanto, o visionário Carlos Russel, fundador das Testemunhas de Jeová, pensava que Jesus não passava dum criatura de Deus, embora homem perfeito («Reconheça-se a veracidade de Deus» — pág. 87). Assim o ensinam os seus seguidores, apoiados na sua deturpada Bíblia. E dizem que Cristo não ressuscitou e que a alma do homem morre com o corpo, e que não há Inferno. O Céu — segundo eles — é só para 144.000 felizardos, todos pertencentes às Testemunhas de Jeová.

Tendo anunciado o fim do Mundo para 1914, o fundador desta nova religião não viu confirmada a sua profecia. Acabou por afirmar que se tinha enganado nas contas, mas que o fim seria em 1918.

Porém esse fim do Mundo não o pôde ele presenciar, porque morreu no ano de 1916.

Sucedeu-lhe no cargo de chefia da «seita» o advogado Rutherford, de quem falaremos noutra número.

OBRAS DA NOSSA IGREJA

A nossa igreja está em obras. Esta não é novidade nenhuma para ninguém, mas constitui desde já um facto para muitos. Durante mais de um mês, tivemos de nos servir do Salão da Junta de Freguesia para o serviço religioso — Missas do domingo e da semana e funerais. Durante esse tempo não houve administração de Baptismos, nem Casamentos.

Aqui queremos expressar à

Junta de Freguesia os nossos agradecimentos.

A igreja de Campelo está a ser reconstruída. A igreja material — a igreja templo, edifício. Mas cremos que também a Igreja da Freguesia de Campelo — a Igreja Comunidade de Crentes — está em renovação. Caso contrário, não valeria de grande coisa estar a renovar a Casa dos Cristãos.

Aqui está como se atinge a

(Continua na pág. 2)

ANO NOVO

— PESSIMISMO OU ESPERANÇA?

Criança é símbolo de Esperança! Ao encararmos as perspectivas do novo ano apetece-nos olhá-lo exactamente sob o signo da Esperança e do Optimismo! Tal ideal concretizar-lhe-á se o homem de hoje responder «SIM» à maravilhosa mensagem de Cristo.



A Paz é a condição e a síntese da convivência humana...

A Paz é possível, se for verdadeiramente querida...

Ó homens fortes e conscientes que tendes o poder e o dever de construir e defender a paz; ó vós, guias e mestres dos povos... procurai alicerçar e construir na verdade, na justiça, na caridade e na liberdade, a paz para os séculos vindouros a começar já do ano 1973...

Mensagem de Paulo VI

Noticiário

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Cortejo de Oferendas para o Hospital

Como já noticiámos no último número, realizou-se nesta vila um Cortejo em favor do Hospital. Esse cortejo rendeu mais de 300 contos. Em tarde de sol desfilaram cerca de 100 carros, desde o de bois ao automóvel mais moderno, enfeitados tipicamente e carregados de géneros de todas as naturezas: madeiras, frutos, vinhos, cereais e até notas bancárias.

Também ranchos de jovens, marchando e cantando, conduziam em pendões forrados de notas e enfeitados com frutos e flores, a sua contribuição para o Hospital.

Assim desfilaram os povos de Campelo, Arega, Aguda e Figueiró dos Vinhos.

Abrilhamaram o Cortejo as Filarmónicas de Pedrógão Grande, regida pelo sr. Manuel Nunes, e a de Figueiró, sob a regência do sr. Eduardo Ventura. Além das Filarmónicas, apresentou-se também garbosamente a charanga dos Bombeiros Figueiroenses.

Estão de parabéns o Povo do Concelho e a Mesa da Misericórdia por esta demonstração de espírito de bem-fazer.

Natal dos Bombeiros

Na noite de 30 de Dezembro p.p., a Câmara deste concelho, com a participação de todos os que se quiseram associar e contribuir, promoveu uma Ceia em favor dos Bombeiros Figueiroenses.

Esta iniciativa feliz pretendeu demonstrar aos briosos Soldados da Paz toda a gratidão e estima que o concelho lhes devota.

Foram também, na mesma ocasião, distribuídas lembranças ao Corpo Activo desta Corporação.

Enfermeira-chefe do Centro de Saúde

Foi nomeada enfermeira do nosso Centro de Saúde a sr.^a D. Maria Quaresma Paiva, filha do sr. Augusto Rodrigues Paiva e de sua esposa sr.^a D. Nazaré da Conceição Quaresma, residentes em Aldeia da Cruz e nossos assinantes.

Felicitemos a nova enfermeira, que no transacto ano terminou o curso de Enfermagem com a alta classificação de 17 valores e agora irá pôr seus conhecimentos e virtudes de trabalho na chefia do sector de enfermagem deste Centro de Saúde.

Associação Desportiva

Começou no passado dia 31 de Dezembro o campeonato da I divisão distrital de Leiria em futebol. A Desportiva de Figueiró jogou na Batalha com o Condestável e perdeu por 4 a zero. No dia 7 de Janeiro jogou nesta Vila com o Pataiense e sofreu o mesmo resultado.

Não é de admirar que os resultados sejam negativos pois a actividade desta Associação está a iniciar-se contra adversários de boa categoria.

PELA FREGUESIA

Abertura

Findou o ano de 1972. Não podemos dizer que nada de bom trouxe a Campelo. É claro que as colheitas foram fracas e difíceis, o temporal estragou em várias aldeias, as vinhas e oliveiras, as obras públicas não tiveram a necessária sequência, a malfadada «Estrada do Espinhal» não teve início, etc., etc.. Mas também é preciso dizer que se começou a reparação da igreja, se calcetaram alguns caminhos e continuou a obra de rejuvenescimento espiritual da Paróquia.

Que o ano de 1973 seja repleto de realizações, são os nossos desejos.

PELO FONTÃO FUNDEIRO

Baptizado

No dia 1 de Janeiro foi admitida ao Baptismo a menina Ana Isabel, filha dos srs. Joaquim dos Santos Costa e D. Helena Lucas Prior Costa, residentes em Moscavide, mas naturais deste lugar. Foram padrinhos o sr. José Manuel Lucas Prior e a sr.^a D. Isolina Rosa Prior Ladeira Alves, residentes respectivamente em Figueiró e na Foz — Porto.

Felicidades à recém-baptizada e a seus pais e padrinhos.

Rectificação de contas

A respeito da notícia que demos no jornal de Novembro acerca das contas da Festa de N.^a S.^a da Saúde, temos que rectificar um erro que saiu por má interpretação do autor destas linhas.

Dissemos que o saldo da Festa foi de 24.390\$10, e está certo. O que não está bem é o que veio escrito abaixo: «Tendo em conta que a dita Comissão ainda gastou muito dinheiro com o arranjo do Largo da Capela, temos que considerar que o saldo é impressionante». Ora a despesa com as obras do Largo não foi suportada pela Comissão da Festa, mas sim pela Comissão da Capela. E assim não entraram 24.390\$10 nos cofres da Capela, mas sim 4.565\$20, pois, com as devidas autorizações, a Comissão da Festa, em vez de entregar todo o saldo apurado, gastou 19.824\$90 com o arranjo do Largo referido.

O erro, afinal, foi de má interpretação das contas apresentadas pelos srs. mordomos. O que continua a ser impressionante é a receita apurada, «o que diz bem do esforço dos mordomos» — como havíamos deixado escrito.

POR FEIJÓ

Baptizado

No dia 1 de Janeiro foi baptizada a pequenita Paula Cristina, filha dos srs. José Mendes Simões e Alzira da Conceição Francisco, residentes na Quinta do Vale do Torrão — Feijó.

O baptizado teve lugar na igreja de Campelo e foi apadrinhado por Vitor Manuel da Silva Mendes, residente em Lisboa e pela menina Lídia

Maria Brás, residente no Fontão Cimeiro.

As bênçãos de Deus para a menina, seus pais e padrinhos.

PELA RIBEIRA VELHA

Casamento

No dia 28 de Dezembro p.p. realizaram o seu casamento os srs. José Joaquim Pereira, filho do sr. José Simões Pereira, de Campelo, e Arminda das Dores Pereira, esta já falecida, e Deonilde Rosa Rodrigues, filha dos srs. José de Matos Rodrigues e Lídia da Silva Rosa, residentes neste lugar de Ribeira Velha

Foram padrinhos do noivo os srs. José Joaquim Rosa Matos e sua esposa D. Adeline Rosa Varandas Rosa Matos, residentes em Lisboa, e da noiva, os srs. Antero Pereira Henriques e esposa D. Deonilde de Jesus Henriques, residentes neste lugar. Os noivos fixaram residência em Almada, onde já vivia o noivo.

r'elicidades.

POR ALGE

No dia 15 de Dezembro p. p. neste lugar faleceu o sr. Roberto Henriques dos Santos, que deixa viúva a sr.^a Adozinda Simões dos Reis.

O extinto era filho de Abílio Francisco dos Santos e Maria Albertina Henriques dos Santos.

A todos os seus familiares o «Notícias de Campelo» apresenta sentidas condolências.

POR VILAS DE PEDRO

No dia 6 de Janeiro contrairam matrimónio o sr. Joaquim Henriques David, filho dos srs. Bernardino Simões David e Arminda da Conceição Henriques, e a menina Zélia de Abreu Pedro, filha dos srs. José da Costa Pedro e Júlia Maria de Abreu, todos naturais deste lugar de Vilas de Pedro.

Foram padrinhos do noivo os srs. Abinoel Antunes Coelho e Lúcia Henriques dos Santos e da noiva os srs. Manuel Pedro e Olinda de Jesus.

Felicidades.

Cantinho dos nossos amigos

Até ao dia 5 de Janeiro de 1973, recebemos mais os seguintes donativos para pagamento das respectivas assinaturas de «Notícias de Campelo»:

50\$00 — dos srs. Firmino Abel dos Santos Nunes — Lisboa; D. Cesaltina das Dores Campos — Lisboa; Manuel Martinho dos Santos — Lisboa; Germano de Sousa Martinho — Odivelas; Padre José Augusto Correia — Espinhal; Aquiles Almeida Morgado — Figueiró; António de Almeida — Apelação; José Mendes Simões (72 e 73) — Feijó; Joaquim Pedro Ribeiro (71 e 72) — Lisboa; Manuel Mendes Bouça (72 e 73) — Charneca da Caparica.

25\$00 — dos srs. Rafael dos Santos Godinho — Lisboa, e José Francisco — Ribeira Velha.

20\$00 — dos srs. Marcolino das Dores Santos — Vilas de Pedro; Fernanda da Silva Lopes — Reboleira; Franclim Alves Nicolau — Ribeira Velha;

OBRAS DA NOSSA IGREJA

(Continuado da pág. 1)

mais alta finalidade: a construção da igreja edifício leva as pessoas a fazerem maior e melhor a Igreja dos Homens.

Assim tudo está certo: o templo não é poiso onde se durma, mas é ponto onde se cresce; o templo não vale só por si na majestade da sua construção, mas possui o mais alto valor por criar a fraternidade dos homens. Assim, sim: vale a pena construir a igreja para fazer crescer as almas. É para estas e por estas que os templos não se deixam cair. Quando um templo cai é porque já caiu, há muito, a Igreja das pessoas; quando se reconstrói uma igreja, bom será que a Fé dos Cristãos se renove também.

Pede-se que todos ajudem estas reconstruções.

★

Inscreveram-se ou receberam mais os seguintes donativos:

500\$00 — do sr. Manuel Mendes Bouça — Charneca; 300\$ — dos srs. Manuel Loja Nunes — Campelo e José da Piedade de Júlio; 200\$00 — do sr. Joaquim Pedro Ribeiro — Lisboa; 150\$00 — dos srs. Joaquim dos Santos Costa — Moscavide; Aníbal Pereira Gregório — Fontão Fundeiro, e Augusto Dias Alves — Fontão Fundeiro; 100\$00 — dos srs. Virgílio de Abreu Henriques — Cernache do Bonjardim; Manuel Francisco — Marrazes; Ilda da Silva Reis — Queluz; Isaltino Simões Pereira — Almada; Amílcar Tavares de Campos — Lisboa; José Simões Silva — Vale da Lameira; Américo Dias — Singral; Francisco Vasco — Singral; Maria da Conceição Rodrigues — Vilas de Pedro; Bernardino Simões David — Vilas de Pedro, e Ludovina das Neves — Vilas de Pedro.

Outros donativos de menos valor foram recebidos e ficaram inscritos no Livro de Contas.

Rectificamos os donativos dos srs. José António Ferreira, Abílio Simões Rodrigues, Manuel Simões Pereira e Manuel dos Santos. Estes senhores subscreveram-se com 200\$ (duzentos escudos) e por lapso da Tipografia saiu 100\$00.

As nossas desculpas.

★

Como as obras vão recomeçar dentro de pouco tempo, e depois de terminadas temos de entregar todo o dinheiro ajustado — cento e vinte mil escudos — faz-se aqui um novo apelo a todos os que ainda não deram o seu contributo para que não demorem em entregar o que a sua generosidade lhes ditar.

Obrigado.



Ria...

se

quiser

A ABRIR

Uma sociedade sem a verdadeira Religião a orientá-la, não se pode governar com leis, mas só com metralha. — Napoleão.

ANEDOTAS

Engano...

Num baile:

— O que se passa entre o Jaime e a Fernanda? Mostram-se tão indiferentes um pelo outro que parecem ter rompido o projectado casamento...

— Enganas-te. É exactamente o contrário. Casaram a semana passada...

Arre, burro!

Um professor esteve explicando os modos dos verbos; e depois de explicar que o imperativo servia para comandar, ordenar, etc., perguntou a um aluno:

— Joãozinho, dize lá uma oração a ver se a podemos passar para o modo imperativo.

— «O burro puxa a carroça» — propôs Joãozinho.

— Muito bem — disse o professor; — ora agora emprega lá, nesse caso, o imperativo?

E Joãozinho, muito despachado:

— Arre, burro!

Imperdoável!

— Você é um pedaço de asno!

— E você? Haverá acaso burro maior?

O chefe intervém:

— Então, meus senhores, esquecem-se de que estou eu aqui?

ADIVINHA

Não tem nenhuma beleza, sua voz é um horror; fez, porém, esta proeza: com amor, com singeleza, transportou Nosso Senhor.

Anteriores:

1 — Cabo Sardão; 2 — Cabo Carvoeiro.

A FECHAR

«Os inimigos têm a sua utilidade: mostram-nos os nossos erros, dizem-nos verdades; são mestres a quem se não paga!

Plutarco

SEIS DIAS NA TERRA SANTA

S. JOÃO D'ACRE — POR TERRAS DA SAMARIA PARA JERUSALÉM

Depois de uma visita à cidade de Haifa e aos célebres jardins persas, seguimos para S. João de Acre, a cidade antiga de «ACCO» situada num pequeno promontório à beira do Mediterrâneo, com as suas muralhas altas e sobranceiras ao mar. Foi noutros tempos o porto principal da Palestina.

É célebre na história dos Macabeus e no tempo das Cruzadas, como fortaleza e porto de guerra. Depois da queda de Jerusalém, esta cidadela torna-se a praça forte dos Cavaleiros de S. João, e é por isso que se chama S. João d'Acre; anteriormente chamava-se apenas Acr ou ACCO ou ainda, no tempo dos Gregos, PTOLEMAIDA. Visitamos a cidadela dos Cruzados, com o seu mercado muito abastecido e muito pouco limpo, com um cheiro pouco agradável, cafés frequentados por beduínos, muitos dos quais sentados às portas a sugar sofregamente o ópio perfumado, que corria por cachimbos ligados a reservatórios por uma mangueira. Tivemos pena daqueles homens, estampas perfeitas de indolência e de vício.

Visitámos uma das indústrias características daquela terra: trabalhos em bronze martelado. Comprámos algumas recordações e despedimo-nos daquele lugar onde o valente Judas Macabeu foi assassinado por Trifon.

Tomando o caminho de regresso a Nazaré, visitámos, a poucos quilómetros uma oficina de lapidação de diamantes. O negócio dos diamantes é a segunda fonte de receita do estado de Israel. A primeira é a laranja.

★

Na manhã do terceiro dia despedimo-nos da terra de Nossa Senhora e seguimos para Jerusalém. Durante a viagem fomos meditando as páginas da Sagrada Escritura que nararam acontecimentos desenrolados ao longo daqueles vales e montes. Atravessando as planícies de Esdrelon chegamos à Samaria onde nos detivemos um pouco em Sebástia, admirando as ruínas da antiga cidade de

Samaria que foi capital do reino de Israel, em que sobressai o antigo palácio, ainda com algumas colunas de pé.

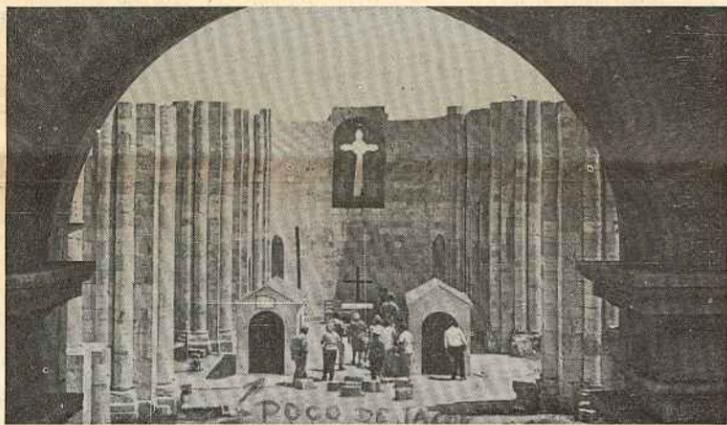
Mais alguns quilómetros andados e fizemos nova paragem na antiga cidade de SIQUEM, cenário de muitos acontecimentos bíblicos desde Abraão até Cristo.

Hoje é uma pequena povoação mesmo à beirinha da cidade de NABLUS. É em Siquen que se encontra o Poço de Jacob, testemunha do encontro de Cristo com a samaritana. Gostámos imenso desta visita. Recordámos que foi ali que Abraão acampou quando chegou à Terra Prometida e construiu a sua tenda.

De norte a sul as montanhas sagradas de Garzim e Hebal. Ali Jacob mandou abrir um poço e foi também ali perto que José quis ser sepultado.

Altas muralhas de uma igreja que ficou por acabar, devido à primeira grande guerra, guardam o precioso poço que tem 36 metros de profundidade, que vem terminar com um bordo rectangular onde Cristo se sentou naquela tarde de calor, enquanto os discípulos foram à cidade comprar alimentos.

Curvamo-nos na boca do poço, meditámos uma das mais belas páginas do Evangelho ali vivida: O Dom de Deus, a Água Viva de que Cristo falara à samaritana e que havia de ser caminho para a sua conversão.



POÇO DE JACOB

Podemos dizer que a história patriarcal nasceu ali. Os sonhos de José, filho de Jacob, a inveja dos irmãos as pastagens de Dotain onde José foi vendido pelos seus irmãos aos mercadores egípcios, as lágrimas de Jacob e Raquel pelo filho que julgavam morto, etc., etc.. O guarda daquele lugar santo fornece de boa vontade água aos peregrinos, que ele tira por meio de um sarilho com uma longa corda e um balde de folha zincada. Também lá se vendem umas garrafinhas de água para trazer como recordação.

Mas a hora do almoço estava a aproximar-se e era necessário chegar ao Hotel RITZ em Jerusalém o mais depressa possível. Reentramos no auto-carro e lá vamos por entre campos férteis, por BETHEL, CHILLON, RAMAH, para a cidade Santa. Não tardou muito que os 145 quilómetros que separam Nazaré de Jerusalém estivessem percorridos. Entrámos na cidade santa pelo lado norte, por entre casas modernas que lembravam o bairro dos Olivais Sul em Lisboa. Ao avistarmos a cidade antiga cercada de muralhas, com os monumentos admiráveis que recordam muitos séculos da história do Povo de Deus e da Paixão e morte do Salvador, entoamos dentro do auto-carro o salmo: «Que alegria quando nos disseram, vamos para a casa do Senhor! Os nossos passos se detêm às tuas portas Jerusalém!»

P. MARQUES

JANELA ABERTA

ERA DO MENINO JESUS

Manhã fria do dia 22 de Dezembro. O céu apresentava a cor de chumbo, prenúncio da neve que nas regiões do norte tomba em flocos nevados como pétalas de flores.

Era grande a animação nas ruas da Baixa repletas de transeuntes que caminhavam apressadamente como se pretendessem atingir a meta desejada — a felicidade que o Natal nos oferece com Jesus Menino nas palhas de uma pobre manjedoura, lugar húmido que Ele escolheu para nos revelar que são dignos do céu tanto os mendigos como os poderosos.

Compreendendo a lição, aglomerava-se uma multidão de criaturas de todas as classes sociais em frente do belo Presépio junto do templo de Santa Cruz.

Os braços estendidos do Menino atraíam as gentes que se extasiavam ante beleza inegalável do quadro que viam: Nossa Senhora amorosamente curvada sobre o Filho, na sua ternura de mãe; S. José, grave na consciência da sua responsabilidade de protector da infância de Jesus; os Reis-Magos em postura respeitosa, apresentando as suas dádivas ao Menino que era o mais poderoso dos reis e não desdenhava receber o calor confortável do bafo de dois animais.

A beleza das figuras; a compreensão da lição do Presépio e a fé que sentiam no íntimo da alma, dominavam os homens e as mulheres e deliciavam as crianças que atiravam aos pés de Jesus moedas que pontilhavam o chão.

Súbitamente, um homem pobremente vestido, gritou, curvando-se para o passeio:

— Uma moeda!... Quem a deixou cair?!... São cinco escudos!... É sua? — perguntou à mulher mais próxima.

— Não!... — respondeu a mulher — Minha não é!...

— De quem é?!... — gritou novamente erguendo a mão, cujos dedos seguravam a moeda.

Todos olharam o braço bem erguido e todas disseram:

— Minha, não é!...

Ai! não é de ninguém?! — exclamou o homenzinho pobre, rude e mal arranjado — Então é do Menino!... — rematou, atirando os cinco escudos para dentro da gruta.

Todos acharam natural o seu gesto. Eu comovi-me. E olhei respeitosamente o homenzinho pobre a quem não passou pela cabeça ficar com a moeda encontrada no chão na convicção que devia ser do Menino.

FRATERNIDADE

Num Café da Baixa os empregados são uns verdadeiros cavalheiros: solícitos, convictos, atenciosos.

Sabem ocupar o seu lugar. É costume, no Natal, trocar-se prendas como prova de amor fraternal. E é costume oferecer-se dádivas àqueles que nos servem durante o ano, em geral pequenas porque são muitos a quem devemos gratidão.

No dia 23 de Dezembro fui tomar um galão a esse Café, na tenção de oferecer 10\$00 a cada empregado. Era pouco, mas se todos fizessem o mesmo!...

Veio servir-me um jovem muito bem educado e de uma simplicidade extraordinária. E eu, também muito simplesmente, depus-lhe na mão os 10\$00.

— Pra que é o dinheiro? — perguntou, surpreendido.

— Para o senhor beber uma cerveja!... — respondi.

— Oh! muito obrigado!... — exclamou, agradecido, estendendo-me espontaneamente a mão que apertei com satisfação.

Com satisfação e com... grande consideração perante a sua afectuosa atitude que não era devida à insignificante oferta mas, à minha lembrança e à minha atenção, aquela atenção que nos aproxima como verdadeiros irmãos.

Maria Espiñal

O QUE VAI PELO MUNDO

★ Paz no Vietnam

O Papa Paulo VI manifestou tristeza por ainda se não ter conseguido a paz no Vietnam, depois de tantas esperanças de que a guerra viesse a terminar antes do Natal.

«Esperávamos que a paz no Extremo Oriente fosse a primeira conclusão positiva dos conflitos que têm afligido este século e uma prenda à Humanidade digna da Festa do Natal — disse Paulo VI. «Não é o ódio — terminou o Santo Padre —, nem a luta violenta, nem a arrogância egoísta, nem a estática prevalência da força, nem a ideologia do prestígio, nem a política do nacionalismo, mas tão somente o Amor que constitui a base de todos os meios de boa e verdadeira coexistência humana».

★ A heroína mata

NOVA IORQUE — De seis em seis horas, nos Estados Unidos, morre uma vítima da heroína — revela um relatório recentemente publicado pela Inspeccção de Saúde.

Desde 15 de Outubro de 1971 a 15 de Outubro de 1972, morreram vitimados pela heroína, pelo menos, 1123 americanos. Em igual período de 70-71, o número de pessoas mortas por esta droga foi de 1059.

★ A América dos nossos dias!

DALLAS, 23 (R.) — A morte parece ter entrado de férias nesta cidade violenta do Texas onde mais de 120 pessoas são atingidas a tiro todos os meses.

Nos últimos três dias não se registou nenhuma morte por causas que não sejam naturais — velhice ou doença — e, segundo as autoridades, este período de tranquilidade constitui um «record» para Dallas.

Em condições «normais» uma média de 12 pessoas são diariamente vitimadas por morte violenta.

Dizem os pessimistas, que apesar disso a média do mês será idêntica à dos anteriores.

★ Os franceses «duram» menos que as francesas

PARIS — Os franceses morrem, em média, nove anos antes das mulheres porque bebem em excesso, fumam demasiado e guiam perigosamente, segundo estatísticas divulgadas nesta capital.

O Instituto Nacional de Saúde e de Pesquisas Médicas publicou um estudo demonstrando que os homens em França vivem habitualmente até à idade dos 67 anos, enquanto as companheiras com quem casaram atingem os 75 anos e meio.

★ Quanto mais dinheiro mais divórcios

WASHINGTON — O dinheiro não faz a felicidade pois quanto mais rico é um casal mais possibilidade tem de se divorciar — revelam as estatísticas do Gabinete de recenseamento americano publicadas ultimamente.

Segundo este estudo realizado em 1971, 71,7 por cento dos casais (idade do marido entre os 34 e os 54 anos) com um lucro anual inferior a 5.000 dólares (cerca de 133 contos) apenas se tinham casado uma vez. Esta percentagem eleva-se para 77,2 por cento entre os casais com um rendimento anual de 5.000 a 10.000 dólares (133 a 266 contos) e para 80,8 por cento que têm de 10 a 140.000 dólares.

★ O Papa avisa

CIDADE DO VATICANO — O Papa Paulo VI disse que os automobilistas têm perante Deus a responsabilidade de guiarem com mais cuidado.

«Trata-se, na realidade, de um grave problema moral» — disse o Santo Padre, numa audiência privada a membros do Automóvel Clube Italiano.

«Irmãos continuam a matar-se uns aos outros não só na guerra mas também nas estradas, onde desrespeitam as regras do trânsito. E o que que é mais triste e lamentável é o facto disso resultar de um desprezo ostensivo das leis, da arrogância, de imaturidade moral e psíquica e da desvalorização do bem inestimável que é a existência.»

Resposta sobre o

MONTE CARMELO

Um assinante do nosso jornal, escreve-nos a dizer que leu o cap. 18 do Livro dos Reis e que não encontrou lá referência ao aparecimento de Nossa Senhora a S. Simão Stock, e pergunta em que livro da Bíblia poderia encontrar o dito aparecimento. Isto a propósito do artigo «Seis Dias na Terra Santa», publicado no último número do nosso jornal. Embora se trate dum assinante anónimo que não conseguimos identificar pelas iniciais e sobrenome que subscrevem a carta, mas como sabemos qual a sua segunda intenção e insinuação, aí vai a resposta. — Segundo escritos históricos o referido aparecimento verificou-se no ano 1251 da era cristã. Ora o I Livro de Reis descreve acontecimentos verificados desde 972 anos antes de Cristo. Por outro lado o último livro da Bíblia (Apocalipse de S. João), foi escrito no fim do reinado de Domiciano, na ilha de Patmos en-

tre os anos 81 a 96 depois de Cristo, por conseguinte de forma alguma se poderia encontrar no livro dos Reis nem em qualquer outro livro da Bíblia o referido aparecimento. Mas note meu caro senhor que não é pelo facto de não vir na Bíblia que o acontecimento é menos verdadeiro e histórico. Pois há muitos acontecimentos históricos, verdadeiros e autênticos que não vêm narrados na Bíblia. Por exemplo a independência de Portugal, firmada na Conferência de Samora, não vem narrada na Bíblia e nem por isso é menos verdade que Portugal seja uma nação independente desde D. Afonso Henriques... A descoberta do Caminho marítimo para a Índia não vem na Bíblia e nem por isso é menos verdadeira essa gloriosa epopeia portuguesa. A existência de Lutero, Zuínglio, Calvino, Henrique VIII, etc. e a chamada Confissão de Augsburgo, não vêm na Bíblia e nem por isso deixam de ser menos históricos. O nascimento do nosso caro consulente não vem narrado na Bíblia e nem por isso deixa de ser verdade ter nascido...

JUVENTUDE — 73

O NOSSO FUTURO É HOJE

LEMBRO-ME de ter assistido a uma discussão provocada por um homem que chegara à conclusão que Tempo e o Espaço são a mesma coisa. E, para prová-lo, pegou num chapéu e colocou-o na mesa, diante de si.

— Olhem — disse ele — eu desloco este chapéu para a direita. Decorre tempo enquanto faço isto. Ao mesmo tempo que o desloco deixo atrás dele um espaço vazio, que é no tempo o passado. E o espaço que está adiante e para o qual o chapéu se desloca é, portanto, o futuro.

Fica assim demonstrado que Tempo e Espaço, são a mesma coisa.

Houve uma breve pausa e logo outro continuou:

Mas, mesmo que não deslocasses o chapéu, o Tempo continuaria a passar e, embora possas fazer o chapéu recuar no espaço, não o poderás fazer recuar no tempo!

O Tempo-agora — cada instante que passa — é o futuro.

Apesar da discussão continuar, não prestei mais atenção pois ficou em mim uma ideia paralisante: AGORA É O FUTURO. E lembrei-me de um pensamento de Nizer, célebre escritor inglês, que dizia: «O que somos, é o dom que Deus nos dá. Aquilo em que nos tornamos é o dom que damos a Deus».

Eu, como toda a maioria dos jovens pensava que o futuro era uma espécie de paraíso distante onde se dissolveria a confusão e se resolveriam todas as dificuldades. Aceitando porém que o futuro é AGORA, descobri que poderiam ser elaboradas regras práticas para o modelar.

Acreditar que o futuro é AGORA força-me a olhar e estudar até ao limite das minhas possibilidades, para aperfeiçoar o meu futuro.

Também acho que ninguém deve olhar para trás, pensar nas sombras, nos males do passado porque fazer isso, é negar o milagre da terra diàriamente voltada para o Sol Nascente.

O HOJE tem mais alguma coisa de empolgante do que Ontem porque está diante de nós, é NOVO é AGORA.

O Tempo riscou o ontem e caminha connosco. Isto é uma coisa que o espírito pode aprender a reconhecer, caminhando para a frente, a cada passo inevitável das horas.

Se temos a certeza do HOJE porque é que não o utilizaremos da melhor maneira que nos for possível?

MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA CALVETE

CASAMENTOS FRACASSADOS

PORQUÊ?

Sobre este assunto, refere algures o conhecido educador Charbonneau:

★ Falta de preparação para o casamento.

Muitos jovens entram no casamento sem qualquer preparação, quer de ordem afectiva, porque não aprenderam a amar verdadeiramente, quer de ordem sexual porque não houve educação sexual em vista ao casamento, quer de ordem psicológica, pois ignoram tudo ou quase tudo, da psicologia real do outro sexo.

★ Falta de Amadurecimento

Uma segunda razão é a falta de amadurecimento. Eu penso que o amadurecimento, como decorre da própria raiz da palavra que se emprega ao mundo telúrico: o amadurecimento nas frutas, por exemplo, supõe o tempo. Nunca há amadurecimento sem haver uma evolução através do tempo.

Uma laranja, por exemplo, pode ter

todas as aparências de estar madura mas se for colhida antes do tempo, será azeda para sempre. É isso que acontece com o amor e com o casamento. Como vivemos no mundo da pressa, os jovens estão demasiado ansiosos por fazerem a experiência do mundo do amor, para mergulharem na experiência sexual à vontade, comprometendo-se numa altura em que ainda não existem condições razoáveis para assumirem conscientemente um tão grande compromisso. A consequência disso é que, alguns anos mais tarde, acordam, percebendo então que fizeram uma escolha errada e que as promessas vagas do amor meio poético não permitem assumir tudo o que a vida implica no amor de todos os dias, no amor realista de cada momento e não apenas de alguns entusiasmos apaixonados como no tempo do namoro, mas que tem de se manifestar através da dor, do sofrimento moral, da paciência, do constante esforço para melhor entender o outro e, particularmente, através do que é autêntico sinal do amor: o espírito de sacrifício.

Lutemos contra o «Alcoolismo — Morte»

(Continuado da pág. 1)

genas que também constituem segundo estatísticas, os dois maiores factores de mortalidade entre os portugueses.

Portanto só temos um caminho a seguir: combater por todos os meios ao nosso alcance, começando pela educação e informação até à profilaxia do alcoolismo.

MARIA ALICE ABREU FIGUEIREDO MEDEIROS



A VIDA...

Moro
à beira da estrada.
Logo de manhã
Sinto que a vida
Começa...
numa debandada...

Carros,
motorizadas,
bicicletas...
gente a pé...

Mais um dia
que desponta!
E eu pergunto.
— Como vai ser
este dia?
De trabalho
De alegrias e tristezas.
De aventuras,
De sonhos...
Mais uma arrancada...
...E para muitos...
o fim duma jornada!

X.



LUZ ACESA!

É noite escura...
Nem uma folha bole... ninguém!
Que paz, que silêncio, que amargura
vai por esse mundo além.

Mas ao longe... na escuridão
Brilha uma luz cintilante
Será um doente...? Um sábio...?
Talvez seja um estudante!?

Em frente daquela luz
Move-se não sei o quê
Que me leva a atenção
Mas... porquê,
Aquela luz na escuridão???

Mais tarde a luz morreu
A aldeia ficou calma
Mas essa luz não morreu
Cá dentro da minha alma.

Assim fiquei com o olhar distante
Nessa noite fresca e pura
A pensar na luz brilhante
Que agora era escura.

SÃO



DOIS DEDOS DE CAVACO...

— Bom dia, senhor Torcato!... como vai essa saúde?

— Olá, João!... Então a que devo esta tua visita?... Eu cá vou indo, graças a Deus.

— Venho dar-lhe as Boas-Festas e desejar-lhe um Natal muito feliz. Cheguei ontem da Alemanha e não queria deixar de o vir cumprimentar, porque o senhor Torcato ainda é das pessoas mais respeitáveis cá do sítio.

— Olha, rapaz, agradeço-te muito esse teu gesto de amizade, e, já agora, quero manifestar-te a minha tristeza por ver que o Natal, para muitos, é um dia como outro qualquer.

Ainda ontem estive a ouvir o rádio e por acaso, quando liguei o aparelho, estavam a colher entrevistas sobre o natal. Fiquei admirado com as respostas. E ainda há quem diga que estamos num país cristão!...

— Então não estamos?

— Eu sei lá, João. Em todas as respostas que ouvi, não descobri uma única em que se revelasse o sentido cristão das festas de Natal. Uns diziam que o Natal era um dia de família, outros que era um dia como outro qualquer, outros que era para

eles um dia de trabalho, outros que era um dia de pândega, outros que se lembravam dos bolos e das prendas que recebiam quando eram crianças, outros que, quando eram pequenos que iam à missa do galo e vinham para casa espreitar no borrarão a ver se viam vir o Menino Jesus pôr as prendas no sapato, edcetra, edcetra. Estás a vê?... Que tristezal... Para muitos o natal é um dia de borracheira, de ociosidade, talvez de pecado e mais nada. Agora que tu me vens visitar, sempre queria saber o que pensas tu do Natal.

— Olhe, senhor Torcato, para mim que tive a feliz sorte de nascer numa família cristã, o Natal foi sempre uma grande festa. É por isso que escolho sempre esta quadra do ano para vir à terra e viver as minhas recordações de infância. Ainda lhe digo que nunca faltei à missa neste dia. E, já agora que o senhor Torcato me pergunta o que é para mim o Natal, vou-lhe dizer com toda a franqueza:

Para mim, o Natal é o aniversário do Nascimento de Cristo. É o encontro de Deus com a Humanidade para a salvar.

É o dia em que me sinto mais irmão de Cristo e de todos os meus



EMIGRANTES

Semana Nacional de Migrações

7-14 DE JANEIRO

Nas nossas paróquias celebrou-se este grande acontecimento, a pensar nos emigrantes e nos seus problemas.

Reflectiu-se e rezou-se por vós, queridos emigrantes.

Um tema principal foi encarrado: «a emigração em família».

Tal como os responsáveis principais da Igreja em Portugal somos pela emigração familiar. João XXIII afirmava que a separação forçada dos membros da família pode levar ao enfraquecimento dos sentimentos e das relações familiares, tornando-se prejudicial para a unidade do lar doméstico.

Não tenhamos medo que as famílias portuguesas fujam de Portugal! Onde quer que se encontrem estão com o coração em Portugal e têm Portugal no coração.

A família unida é a salvaguarda moral dos respectivos membros e da coesão do agregado familiar.

Por isso, unida fisicamente ou, quando circunstâncias o impeçam (unida moralmente) que cada família de emigrantes seja modelo de coesão, fidelidade e amor mútuo entre todos os seus membros.

semelhantes. É o dia da paz que os anjos cantaram e que muitos homens ainda não aceitaram. É também o dia da família, em que todos unidos devemos confraternizar a alegria que nos traz este dia. Nunca esqueço o presépio que põe diante dos meus olhos o cenário do nascimento de Cristo e aproveito para fazer também a minha confissão e receber o Cristo do presépio na missa onde Ele todos os dias renova o Seu mistério salvador.

— Muito bem, meu bom rapaz, até que enfim ouvi um testemunho cristão do Natal. Também para mim é assim o Natal. Que tristeza e que vergonha ouvirem-se numa emissora nacional, num dia de tão grande festa, testemunhos tão negativos do Natal. Isto só nos diz que ainda há muito paganismo por aí fora, ou muita ignorância que nada nos honra como povo que tradicionalmente se diz «fidelíssimo» e «cristianíssimo»!...

— Tem razão, senhor Torcato. Agora vou até junto dos meus.

— Adeus, meu caro João.